

A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Rafaela Izabela Liberal da Silva ¹

liberallibras@gmail.com

RESUMO

Hoje o maior desafio é como alfabetizar letrando. O ensino da leitura e da escrita feita com base nos treinos da “decodificação” e “codificação” do alfabeto tem sido criticado há mais de vinte anos. No Brasil há uma enorme dificuldade de interpretação, em geral essas começam pela dificuldade de como alfabetizar, depois como garantir o uso da língua eficaz, para assim garantir seu progresso posterior. Neste contexto esse estudo teve como objetivo geral compreender os mecanismos utilizados na sala de aula para promover a formação de leitores fluentes. Para realizarmos a discussão da questão do nosso estudo, utilizamos autores como Soares (2002), Silva (2004), Kleiman (1984), Marcuschi (2005). Nossa pesquisa foi realizada em uma escola municipal da cidade de Cachoeirinha- PE. Como metodologia utilizamos entrevista, assim como observação da sala de aula, e para análise de dados Bardin (1977). Os dados levantados apontam que a prática pedagógica dos professores para formação de leitores fluentes requer uma maior diversidade de textos, além do uso do livro didático para que assim o estudante esteja alfabetizado/letrado para efetivação da interpretação textual.

Palavras-chave: Alfabetização/Letramento; Diversidade de gênero textual; Leitor Fluente.

INTRODUÇÃO

A leitura no Brasil aconteceu a partir da chegada dos portugueses, que a trouxeram para a nova cultura dos colonizados, e esse ato era restrito a poucos, usando-a como meio para dominação e persuasão (MATTOS, 1998). No Brasil atual evidencia-se o acesso à educação, ainda restrito a poucos, embora essa seja de dever do estado e da família, e quando se tem acesso à educação essa não lhe garante um ensino de qualidade para assim garantir sua participação na sociedade como um sujeito ativo, para seu desenvolvimento pessoal, profissional e social.

O ensino da leitura e da escrita feita com base nos treinos da “decodificação e codificação” do alfabeto tem sido criticado há mais de 20 anos. No Brasil há uma enorme

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco.

dificuldade de interpretação, em geral essas começam pela dificuldade de como alfabetizar letrando.

Portanto a alfabetização é um processo no qual o indivíduo assimila o aprendizado do alfabeto e a sua utilização como código e comunicação. Letramento implica nas habilidades variadas tais como: capacidade de ler e escrever para atingir diversos objetivos, permitir que o sujeito interprete, divirta-se, seduza, sistematize confronto, induza, orienta-se, garantindo-lhe a sua condição diferenciada na relação com o mundo: compreender o que se lê (SOARES, 2002).

Conquanto é preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura. O principal delas é o que ler é simplesmente decodificar, na qual a compreensão deveria ser uma consequência natural dessa ação.

Por causa dessa concepção equivocada a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer tipo de texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que se lê. Assim essa ruptura entre alfabetização e letramento teve com resultado o não desenvolvimento da interpretação textual, elemento estes, que deveriam está aliado, foram transmitidos de forma separada e concretiza o analfabetismo funcional, hoje abrangente no nosso país e na realidade das escolas pelas dificuldades interpretativas.

Assim o nosso principal objetivo será compreender os mecanismos utilizados na sala de aula para promover a formação de leitores fluentes. E os demais objetivos serão identificar se a alfabetização e letramento têm sido utilizados pelo professor para a efetivação da interpretação textual; Verificar a contribuição da diversidade de textos que são utilizados pelo professor; Descrever a prática pedagógica desenvolvida pelo professor para a formação de leitores fluentes;

Em suma a importância do tema abordado é termos consciência que este trabalho é apenas o início para uma posterior discussão sobre os benefícios de se alfabetizar letrando.

METODOLOGIA

Os elementos introdutórios deste trabalho indicam um esforço de compreender como é desenvolvido o processo de alfabetização e letramento dos alunos em sala de aula.

Para melhor compreender as questões relacionadas ao objetivo do nosso trabalho, foi utilizado a abordagem qualitativa com ênfase na pesquisa de campo. A pesquisa qualitativa é predominantemente descritiva. O pesquisador qualitativo tenta analisar os dados em toda sua riqueza, respeitando no possível, a forma de registro ou transcrição. Como afirma Trivinõs (1987), as descrições dos fenômenos estão impregnadas de significado que o ambiente lhe imprime.

Para cumprir os objetivos propostos na pesquisa: “Identificar se a alfabetização e letramento têm sido utilizados pelo professor para a efetivação da interpretação textual; Verificar a contribuição da diversidade de textos que são utilizados pelo professor; Descrever a prática pedagógica desenvolvida pelo professor para a formação de leitores fluentes”. Utilizamos alguns instrumentos de coleta de dados como observação de campo, entrevista semiestruturada.

Um trabalho que se utiliza da observação para Oliveira (2005) como instrumento necessita de um registro sistematizado da coleta de dados obtidos sob a forma de um diário de campo. O diário de campo esse que está contido o passo a passo das observações feita em campo, que o auxiliará na construção do trabalho no retorno constante em busca de informações relevantes.

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela o pesquisador busca informações contidas nas falas. Para Trivinõs (1987), entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teoria e, hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. Através da entrevista (Depoimento) objetivando um contato ainda maior com os sujeitos envolvidos na pesquisa, para buscar subsídios que venha a responder a questão problema e alcançar os objetivos propostos que foram mencionados.

A análise de dados implica na organização de todo o material da análise descritiva do campo e dividi-los em partes relacionando essas partes e procurando identificar nelas tendências e padrões relevantes. Desta forma se fazendo o descarte daquilo que dá ao objeto de estudo (BARDIN, 1977). De outra forma dizendo, afunilando a imensidão de dados por nós levantados.

Os sujeitos da pesquisa foram à Coordenadora do projeto “Alfabetizar com Sucesso”, que acompanha a professora em sala de aula regular e através das observações realizou-se também o registro. A coordenadora é graduada em Letras e Especialista em Língua Portuguesa. A professora é graduada em Pedagogia e Especialista em

Psicopedagogia, possui vinte e quatro anos de experiência em sala de aula, porém nesse ciclo de alfabetização é o primeiro ano.

REFERENCIAL TEÓRICO

O gosto pela leitura nem sempre surge do nada. Apesar de algumas crianças terem o gosto pela leitura sem ser imposto pelo professor, elas são a minoria, e já foi comprovado que depende da influência dos pais. O professor, depois dos pais, tem o papel principal e mais importante no desenvolvimento de hábitos e habilidades de leitura dos alunos, porém não deve ser autoritário a ponto de escolher sozinho o que seus alunos devem ou não ler. O professor deve levar em conta as diversidades dentro das salas de aula e valorizar os gostos e opiniões formadas pelos alunos. (SOARES, 2002).

Ler, numa concepção mais geral, é construir significados, é estabelecer relações entre conhecimentos, é interagir, prever, relacionar-se com o texto intimamente, é uma parceria entre leitor e escritor.

O processamento da leitura é formado por um conjunto de processos cerebrais que são organizados estrategicamente pelos indivíduos para facilitar a compreensão das informações contidas no texto (KLEIMAN, 1989, p. 23).

Partindo dessa concepção, a tarefa de ler um texto, ou seja, construir o sentido de um texto apresenta-se como um trabalho que demanda planejamento de diferentes ordens. O processo que envolve a leitura deve ser visto como “um processo de interação entre o leitor e o texto”. O leitor é quem constrói o significado numa rede de relações do que lê com seus conhecimentos prévios.

Porquanto saber ler e escrever é estar alfabetizado. Alfabetização é o ato de alfabetizar. Porém, realizar práticas sociais numa sociedade de cultura escrita é um dos conceitos de letramento; o que não requer, necessariamente, a condição de alfabetizado. A compreensão desses conceitos é útil para a identificação das características a serem analisadas durante os estudos da alfabetização e do letramento.

O trabalho com os diferentes gêneros textuais possibilitarão ao aluno a capacidade de se sobressair nas situações fora do ambiente escolar, ele irá se deparar com as mais variadas situações, interagindo com eles e atuando em seus contextos. Para Teberosky (1995) temos hoje em diversos países, estudos comprovando que os alunos desde cedo, escutam histórias através da leitura do professor ou de outra pessoa

alfabetizada, adquirem um conhecimento sobre a linguagem que se escreve e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados.

Saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa integração plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade. Ler não é fácil, para Soares (2003), estudos mostram que é possível explorar nas escolas os diferentes tipos de textos que usamos no dia-a-dia. Esses textos são textos para buscar informação, satisfazer curiosidades, informar-se sobre o que acontece no mundo, divertir-se, aprender e relacionar-se com as pessoas.

Constatamos então que são diversos os gêneros textuais que nos cercam e cabe ao professor saber fazer uso desses diferentes gêneros textuais em sala de aula, para assim conseguir despertar o gosto pela leitura do seu aluno. O professor mesmo atuando como guia selecionador de textos precisa tomar cuidado para ao invés de impor, sugerir e se mostrar apto a aceitar sugestões de leituras diversas. E que venham a fazer parte do universo do seu aluno, possibilitando assim que o seu aluno perceba o quão rico e importante é a habilidade de ler e compreender bem textos.

Diante do exposto Kleiman (2000) nos ajuda a compreender a necessidade da construção de caminhos, na condução do processo didático da leitura. Desta forma, para se garantir uma leitura eficaz, deve-se deixar bem claro para as crianças qual o objetivo da leitura que fazem ao se ensinar a ler e compreender textos. Fora do ambiente escolar o aluno irá deparar-se com os mais variados tipos de textos nas mais variadas situações e ele deverá ser capaz de interagir com eles afim de alcançar um determinado objetivo.

Ao usar o texto na sala de aula como pretexto para usar a gramática, o professor está impedindo seus alunos de perceber quão rica e importante é a habilidade de ler e compreender bem textos. Constatando que hoje o desafio maior é “como alfabetizar letrando” e que os processos de alfabetização e letramento são complexos, mas fundamentais para a inclusão social.

Portanto instrumentos que garantem a efetivação tanto da leitura quanto da alfabetização e letramento são os procedimentos didáticos e a prática pedagógica utilizada pelo professor em sala de aula. O procedimento didático mais adequado à aprendizagem de um determinado conteúdo é aquele que ajuda o aluno a incorporar os novos conhecimentos de forma ativa, compreensiva e construtiva. Para que a aprendizagem se torne mais efetiva, é preciso substituir, nas aulas, as tarefas mecânicas que apelam para a

repetição e a memorização, por tarefas que exijam dos alunos a execução de operações mentais.

Em suma para Veiga (1992) procedimentos de ensino são as ações, processos ou comportamentos planejados pelo professor, para colocar o aluno em contato direto com coisas, fatos ou fenômenos que lhes possibilitem modificar sua conduta em função dos objetos previstos, das competências que pretendo construir.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através da exploração de parte dos dados obtidos constatamos a importância de trabalhar diferentes gêneros textuais e de alfabetizar letrando, fazendo uso da decodificação de símbolos, seguida da interpretação destes, respeitando o gosto particular da criança e a importância da motivação no processo de internalização do gosto pela leitura.

A análise se dará a partir da apresentação de três categorias que auxiliarão na discussão do tema abordado, estas se referem a: Conceito de alfabetização da professora, Procedimentos didáticos utilizados em sala de aula para efetivação da alfabetização/letramento e Contribuição dos gêneros textuais em sala de aula.

Conceito de alfabetização da professora: A partir das respostas dadas pelo sujeito P1 de pesquisa podemos diagnosticar primeiramente que o conceito que a mesma tem em relação à alfabetização é o processo no qual a criança desenvolve as habilidades de leitura e escrita ao observarmos a seguinte fala:

“- É através da alfabetização que a criança começa a ler e escrever”. Percebemos que a conceituação da P1 em relação ao termo Alfabetização não incluiu a questão do letramento que é parte integrante do processo de alfabetização e é pré- requisito para a efetivação do Projeto Alfabetizar com Sucesso do qual a P1 faz parte. E que tem por objetivo a formação de leitores fluentes. Nota-se há confusão por parte das sujeitas entrevistadas sobre os conceitos de alfabetização. Esta hipótese vem se confirmar quando o sujeito C1 afirma:

“-É um projeto de alfabetização que tem duração de 5 anos e que se divide em dois ciclos, que vai do 1º ao 3º ano e do 4º ao 5º ano. Ele visa alfabetizar de forma funcional. Aprender a ler e escrever” (04/12).

No entanto na fala seguinte P1 afirma: “- Esse é o meu primeiro ano ensinando alfabetização”.

A partir desses aspectos entendemos que a habilidade de ler e escrever são apenas parte integrante do contexto alfabetização e não o todo. Buscamos respaldo no autor Freire (2000) que diz que o processo de alfabetização é contínuo, se realiza ao longo da vida e, segundo Paulo Freire, não é reprodução da escrita e da leitura.

É ler criticamente a realidade e se instrumentalizar para nela poder atuar. E é isso que fazemos nas aulas, quando temos oportunidade para construir juntos interpretações, baseadas em autores que já pesquisaram os temas, mas que devem ser elaborações próprias, dos alunos, resultantes das discussões e análises realizadas..

Procedimentos didáticos utilizados em sala de aula para efetivação da alfabetização/letramento: Ao perguntarmos ao sujeito P1 sobre como se dava o momento de interpretação em sua sala de aula e quanto ao desenvolvimento dos seus alunos, as respostas obtidas foram: “- Através da leitura seguida de interpretação, explorando oralmente a interpretação e escrita seguindo com anotações no caderno”, em seguida a P1 menciona: “- Os alunos são motivados a ler frequentemente, fazendo interpretação oral e escrita”.

No entanto constatamos que em nenhum dos momentos por nós observados e registrados em nosso diário de campo vimos essa motivação quanto à realização de leituras, as leituras pela professora trabalhadas foram realizadas por ela e depois pelos alunos todos juntos e de forma imposta pela docente.

Ainda de acordo com nossas observações em campo, percebemos que a compreensão dos textos pelos alunos acontecia de forma provocada, por ocorrer repetitivas leituras no qual a compreensão é apenas uma reprodução do que foi lido. A partir disso buscamos respaldos nos teóricos Shimidt & Cainelli (2004) apresentar um texto não se reduz à mera leitura do mesmo, quando muitas vezes ocorre apenas a decodificação de palavras, e não a compreensão do texto. Trata-se de um processo que passa por várias fases, a partir de um olhar crítico preliminar.

As contribuições dos gêneros textuais em sala de aula.

Para argumentar sobre esta categoria questionamos a professora quanto aos tipos de textos que ela trabalha em sala de aula e a mesma respondeu: “-Poemas, Fábulas, Contos, Convites, Bilhetes, Receitas, Adivinhas e entre outros”.

Respaladas no referencial teórico Teberosky (1995): Temos hoje em diversos países, estudos comprovando que os alunos desde cedo, escutam histórias através da leitura do professor ou de outra pessoa alfabetizada, adquirem um conhecimento sobre a linguagem que se escreve e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados .

Para tanto o trabalho com os diferentes gêneros textuais para Soares (2003) possibilitarão ao aluno a capacidade de se sobressair nas situações fora do ambiente escolar, ele irá se deparar com as mais variadas situações, interagindo com eles e atuando em seus contextos. Saber ler e escrever de forma mecânica não garante a uma pessoa integração plena com os diferentes tipos de textos que circulam na sociedade.

Ler não é fácil, mas estudos mostram que é possível explorar nas escolas os diferentes tipos de textos que usamos no dia-a-dia. Esses textos são textos para buscar informação, satisfazer curiosidades, informar-se sobre o que acontece no mundo, divertir-se, aprender e relacionar-se com as pessoas.

Constatamos então que são diversos os gêneros textuais que nos cercam e cabe ao professor saber fazer uso desses diferentes gêneros textuais em sala de aula, para assim conseguir despertar o gosto pela leitura do seu aluno.

E também torná-lo capaz de interagir com o meio que o cerca. E por mais uma vez em nossos registros no diário de campo não se encontrou nenhum outro gênero textual trabalhado que não fosse o contido no livro didático, vale salientar que esta afirmação se faz pertinente aos dias e datas por nós observados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados obtidos durante a realização da nossa pesquisa constatamos a real e necessária reflexão sobre os mecanismos de formação que envolve a leitura, suas dinâmicas e suas mediações. Concebendo o desenvolvimento das competências e habilidades leitoras como um processo dinâmico e mediado pelas relações que os indivíduos estabelecem com outros e com o próprio texto nas suas formas multifacetadas.

Acredita-se que a escola é o lugar onde se aprende a ler e a gostar de ler. Acreditamos que nas séries iniciais do Ensino Fundamental, deve-se dar uma atenção especial ao ensino de leitura. Despertar o prazer pela leitura, bem como desenvolver

estratégias que facilitem a leitura pode garantir que a criança torne-se um adulto letrado e preparado para agir de forma crítica e significativa na sociedade.

A leitura nas séries iniciais muitas vezes é feita de forma precária, é dada muito mais importância ao ensino lexical em vez do ensino do sentido das palavras nos textos. A função dos professores independente da área curricular é promover a leitura de textos que devam ser aprofundados para que todos vivenciem o encantamento da descoberta de sentidos trazido pela leitura, dialogando com a realidade e formando para a cidadania.

Assim não se deve haver uma dicotomia entre a alfabetização e o letramento, pois esses são processos que caminham juntos no âmbito escolar, é preciso que o professor não só alfabetize o educando, e sim alfabetize letrando para que possa interiorizar no aluno, o ato de ler e de escrever no contexto das práticas sociais. Dissociar alfabetização e letramento dentro da educação e fora dela é um assunto que não se esgotará facilmente, pois a sociedade vem impondo novos padrões de exigências, mesmo diante de novos paradigmas, métodos, teorias psicológicas precisamos nos adaptar ao novo.

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado. O indivíduo alfabetizado e letrado além de saber ler e escrever, responde adequadamente às demandas sociais da leitura e da escrita.

Assim a nossa hipótese foi confirmada no sentido amplo de sua estrutura que apontava as dificuldades de alfabetizar garantindo não apenas a decodificação, mas a compreensão do que se lê, nos pondo em contato com o nosso objetivo geral, de compreender os mecanismos utilizados em sala de aula para promover leitura e interpretação. No campo de estudo observado constatamos que a realização de leitura e interpretação aconteceu utilizando-se apenas o uso do livro didático.

Tal análise nos faz retomar o recorte teórico que apontam para utilização de diferentes recursos para a realização da interpretação de textos e da utilização de diferentes gêneros textuais para a promoção da interpretação.

Alfabetizar letrando significa letrar a criança para que aprenda a ler e escrever levando- a conviver com práticas reais de leitura e escrita. Substituindo as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, por revistas, por jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade, e criando situações que tornem necessárias e significativas.

Nessa perspectiva, que esse trabalho vem discutindo e apontando algumas sugestões que pode contribuir para o trabalho em sala de aula, reconhecendo que é apenas

um ponto de partida inicial, que pode e deve ser ampliado, em especial por professores, até porque a profissão exige estudo e aperfeiçoamento contínuo.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.
- FREIRE, Paulo. (1979). *Educação como prática da liberdade*. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- KLEIMAN, Ângela. *TEXTO E LEITOR: Aspectos cognitivos da leitura*. Campinas, SP: Pontes, 2000.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. In DIONÍSIO, Angela Paiva, 2005.
- MATTOS, Ilmar Rohloff de (1998). *Ler e escrever para contar: documentação, historiografia e formação do historiador*. Rio de Janeiro: ACCESS.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- SILVA, Vitória Rodrigues e (2004). Estratégias de leitura e competência leitora: contribuições para a prática de ensino em História. In: *História*, v.23, n.1-2, pp.69-83.
- SOARES, Magda. *A Reinvenção da Alfabetização*. Disponível em: www.cereja.org.br/arquivos.../magda_soares_reinvencao.pdf. Acesso em: 01 de Outubro de 2002.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora e CAINELLI, Marlene (2004). *Ensinar História*. SP: Scipione.
- TEBEROSKY, Ana. *Aprendendo a escrever*, São Paulo, Ed. Brasiliense, 1995.
- TRIVIÑOS, Augusto N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *A prática pedagógica do professor de Didática*. 2. Ed. Campinas, Papyrus, 1992.